

A necessidade aguça o engenho

Não havia muito que Balurcos pudesse oferecer, nada que convencesse Lucília a adotar o estilo de vida doutras tantas mulheres, cientes de que as mãos pouco mais colheriam que mesmice e o cansaço do hábito. Em pleno Algarve dos anos sessenta, a rapariga era a mais recente vencedora da rifa da maioridade. Com dezoito verões, ouvia, neste ou naquele fado cantado à janela, que o Rio Tejo era do mais belo azul do litoral. Para habitantes de remotas moradas farenses, a cidade e o rio que a chicoteia constituíam uma mera miragem.

A ambição a família cortava-lhe, sem posses que augurassem dias além de pão e água e sopa e arroz e batatas. As últimas, aliás, cresciam no quintal do vizinho, com quem fora montado negócio – por um quilo daquelas, três cestinhos de palha, que Lucília tecia com a mãe. Eugénia era habilidosa nas artes das mãos. Depois de um dia inteiro como empregada doméstica, nem às dores cedia. Fazia os cestos ao escurecer, escutando o silêncio que se intrometia pelas frestas cobertas pela rede mosquiteira, baloiçando na cadeira com assento de corda.

Lucília fez o ensino que os tempos pediam. Sem dinheiro para calçado, quanto mais para classe além da segunda ou da terceira, aprendeu tudo com a mãe, esfregando, limpando, lavando, cozinhando, descansando, repetindo. Esguia, de tez bronzeada e média estatura, a faina já lhe avolumava o *bíceps*. Despedia-se das amigas de semelhantes idades, seduzidas por prósperas promessas como França, Reino Unido, Luxemburgo, Suíça, com uma mão à frente e outra atrás, como fez muito portuga, de qualquer recanto que quisesse dar à sola do regime salazarista.

O rendimento não esticava. Silvino, o homem do barraco, fazia das tripas coração. Recolhia tudo a que pudesse botar as manámulas, restos de vivença a que mais ninguém reserva um canto. Tão depressa embrulhava a panela de barro com pegas quebradas, como as canas de eucalipto amontoadas indiferentemente junto ao lixo de rua. Erguia as hastes numa carroça e seguia, monte após monte, acelerando o passo, puxando pelo trotar do burro zarolho, sacudindo-lhe as moscas das ventas, sob o céu veranico ou o negrume invernal. Vida de comerciante, pois que mais há-de fazer o homem sem estudos? A necessidade aguça o engenho.

A casa de três bocas esperava, agora, uma quarta. Enquanto a flor da idade de Lucília se esmorecia, Eugénia e Silvino, algemados ao acaso a que lhes conduziu o berço, contavam calos nas mãos e pontadas nas costas, bagagem imérita da idade.

Desde tenros e idos tempos, o único contacto com a capital mantinha-se através das raras visitas do Tio Amílcar, irmão de Silvino, camionista da construção civil, aquando do começo da exploração de mármore nos seus variados polos, desde Pêro Pinheiro a Estômbar. Não tivesse a gaiata tendência para conversas abelhudas, não saberia o homem que a sobrinha almejava sair da terra natal. Por conseguinte, Amílcar visitou a casa dum único andar durante este bendito verão, chegando ao tardar, a tempo de comer e bebericar, e foi direito ao assunto. Trabalho e abrigo esperavam Lucília. Em Lisboa.

A reticência de Silvino trancava-lhe o pio. Em vez nenhuma, a filha, pura e singela aos olhos de pai, arrumaria os tarecos para fazer a sua vida numa cidade desconhecida, ao cuidado de quem mal vê a família. Eugénia acariciava o ventre e esperava pelos intervalos no discurso do marido, apenas para lhe reforçar a posição. Sentada, ciente de que era dela que falavam na divisão ao lado, Lucília saltou da cama do quarto. Abriu a porta e, após os poucos passos que percorrer o corredor lhe custava, parou na sala, diante do pai, desarmado de contraditório à vontade da filha.

– Pai, eu quero ir para Lisboa!

No Portugal de antigamente, nem mães nem pais tinham grande cabeça ou dote para demonstrar carinho. A brutidão de tempos cariciados não lembra afetos. Mas mentiriam as gentes se dissessem não os ter.

Algures num muro ou num telhado, o galo dava início ao canto. O sol espreitava pelas fendas das nuvens magras. O camião estava pronto. Amílcar tinha acabado de se sentar e de bater a porta, após carregar a bagagem da sobrinha. A despedida custou mais a Eugénia, lacrimosa e apreensiva, de olhos avermelhados como os da filha. Seguiu-se um abraço ao pai, demorado e apertado, que proferiu poucas palavras. Lucília subiu a pequena escada de mão, entrou no imponente veículo verde-pântano, bateu a porta, esboroando pela quietude matinal da aldeia. Atrás da janela riscada, olhou para os pais e as casas, a da família e as restantes, que compunham a silhueta do amanhecer, distanciando-se conforme o camião entrava por curvas e contracurvas. Tornava-se difícil matar a saudade que crescia ao segundo.

Enfim, vencida pelos olhos, estafados de tanto choro, Lucília aproveitou para dormir. Sobressaltada pelo alcatrão incerto e esburacado, entretanto, despertou e vislumbrou a figura de Cristo, de costas voltadas e braços abertos. Quando a curiosidade bateu, a ponte sobre o Tejo deu-se a conhecer. Apesar de próxima do seu quarto aniversário, ainda a faina debaixo dos

arames, ferros e cimento estava longe de pausar, os trabalhadores mal pareciam livres para avistar as duas margens que lhes sorriam, parecidas com uma pintura de postal, dum azul-claro descortinado por raios amarelados. Há quantas horas estarão aqueles desgraçados ali, que lindo que é este rio, já chegámos, quanto tempo vai demorar, como será Lisboa à noite, pensava Lucília, qual criança que esborracha a cara no vidro embaciado.

Amílcar vivia num último andar em Alfama, com vista para a Docca da Marinha e os cantos almadenses. A hóspede improvisou o seu conforto num canto da sala, fez das horas de sono as horas de sofá, pouco menor que aquilo que o corpo exigia. Além da sala, não havia mais que uma cozinha, com azulejos rachados e uma mesa manca, o quarto do tio e uma casa de banho minúscula, com uma sanita deficiente de autoclismo e, logo, limitada ao uso de balde e da mangueira do chuveiro. Não parecia ser este, de qualquer modo, um espaço para grandes exigências. Poderia ser casa digna até de receber a Rainha do Reino Unido, ia lá agora Lucília ficar em casa para se ralar. A capital esperava por ela, os verdes anos esperavam por ela.

Ergueu-se de manhã, manhãzinha, vestiu os melhores trapos que a mãe lhe desencantou, saltitou pelos degraus e só voltou a ver as ruas de Alfama quando a noite adensou. Desceu até à Avenida Infante Dom Henrique, andou para trás e para a frente e para os lados, captando a brisa e os detalhes de tudo e todos. Com um par esvairado de pernas, caminhou da Praça do Comércio até ao Padrão dos Descobrimentos. A leveza do porta-moedas seria a última coisa que a inibiria de entrar nesta loja, nesta *boutique*, neste quiosque, neste café, nesta pastelaria. Parou para contar os trocos. Avistou uma banca coberta por um vasto guarda-sol branco e ciano. Dirigiu-se ao sorveteiro e pediu que lhe servisse qualquer sabor. Pagou e despediu-se com um sorrindo, encarquilhando as sardas tímidas no canto dos olhos. O gelado derretia rios de morango pelo cone abaixo. Deliciada, Lucília mirou a Torre de Belém sem qualquer esgar de cansaço na face transpirada, alegremente solitária. Os cabelos longos e negros esvoaçavam, suaves como veludo, chegando a cumprimentar os cotovelos. Momentaneamente, a periferia era interrompida por um ou outro olhar estrangeiro, dum rapaz, dum homem, dum grupo deles, de quem se atrevesse a lançar algum atrevimento. Lucília ocultava a vergonha debaixo dos óculos de sol, que fingiam contemplar a polidez da calçada. Os bons costumes e a inocência que estes produzem não lhe permitiam decifrar ou sequer responder a tais trejeitos com igual trejeito. Por enquanto.

A saudade havia sido já domada pela sede de descoberta. Mas a diversão cedo acabaria. Os dias seguintes iam chegando e seguindo. De cesto debaixo do braço, embalando uma merenda embrulhada em papel de alumínio, de saia amarela lisa pelos joelhos, salto baixo, bandolete

bordeaux e poucas horas dormidas, Lucília desbravou Lisboa, à procura de emprego. Lavou pratos, serviu às mesas, varreu soalhos e tijoleiras, limpou balcões em tascas, cantinas, bares e cafés em Alfama, na Mouraria, na Graça e nos Restauradores. A cada picar do ponto, de avental enodado e calos nas mãos, as horas de labuta só valeriam a pena se domingo ansiasse por ela como esta por este ansiava. Não sem antes chegar a casa, onde o tio, solteiro e de muitas companhias, a fazia rondar as lides que conheceu em Balurcos.

Após ouvir rasgados elogios às praias sintrenses, ganhou o gosto de, nas primeiras horas de sol da folga, sentar-se num comboio do Rossio e, já na Portela de Sintra, apanhar a carreira. As janelas semiabertas eram invadidas pelo aroma do mar. Por fim, esticada nas esplanadas, comeu caracóis, com esta ou aquela colega de trabalho, com este ou aquele namorado, bebeu as primeiras imperiais e fumou os primeiros cigarros, ajeitando o vestido conforme rabanadas de vento o assaltavam.

Os pais recebiam cartas mensais, relatos de peripécias vividas e tesouros avistados, onde costumavam ser omitidos os assuntos do coração, que só a esta jovem mulher de armas diziam respeito. Lá precisavam de se preocupar os velhos com saber com quantos rapazes a filha conversava e namoriscava. A agitação tomava conta de Silvino, enquanto embalava a segunda filha, chorando pela chupeta nos braços possantes do pai.

– Homem, a tua filha que é tão trabalhadora, deixa-a viver a sua com quem quiser! – respondia Eugénia.

Como recompensa do árduo trabalho e prenda das duas décadas que se avizinhavam, Amílcar perscrutou por cargos que agradassem à sobrinha de excelência. Semanas depois dos festejos dos vinte anos, que começaram no Cinema Monumental e acabaram no Bairro Alto, Lucília deu por si, feita qual secretária de requinte, a ocupar a receção da empresa do tio.

Os viveres que Lucília queria colecionar revelaram-se demasiados para uma vida só, tão breve como ela é, como todas são. Os anos volvem que nem andorinhas em voo migratório, que acabam por voltar ao ponto de partida, como voltou esta ao ninho e que, passados quarenta anos de profissão, agarrou a reforma para instalar o seu sossego. Sessenta anos, dois terços de ofício, deixou dois filhos bem entregues a senhoras nortenhas, com quem residem mais as filhas, uma de cada casal, um em Espinho, outro no Porto. E a avó, quando a saudade manda, compra o ingresso dos autocarros que percorrem este país de lés a lés. Nunca tirou a carta. Quando falta lhe fazia, faltava-lhe o carro. Agora nem falta lhe faz. O cabelo já não é o duma estrela de seriado

brasileiro. Está cortado curto e pintado de vermelho. Pendurado no nariz achatado, ao lado de uma verruga minuta num canto, está um par de óculos de massa acastanhada.

Hoje, tem uma vivenda no monte algarvio que a ouvia trautear e cantarolar, quase em sussurros, enquanto esfregava roupa no tanque paroquial. A casa dos pais permanece intacta. Trabalharam até se lhes escaparem as forças. Ela continuou a tecer, quando aborrecida ou saudosa da segunda filha, deportada por anos de crise para os Estados Unidos da América. Ele, de tanto cobiçar a horta vizinha, juntou paciência para plantar uma de sua autoria. Nos últimos anos, reinados pelas pequenas ambições, restou-lhe pouco mais que discursos reservados e boa disposição. Meses depois de ela ter ido embora, foi ele fazer-lhe companhia, para onde quer que tenham ido, caso assim alguma morada nos aguarde. Antes ou depois de quem irá Lucília? Sobre maridos ou amores doutra ordem, pouca gente saberá além da própria. Quem sabe se o pai dos filhos a enviuvou, se seguiu o seu caminho e está num canto, se seguiu e se juntou aos sogros. Assuntos destes não merecem indiscrição. O melhor é contado quando resignado àquilo que interessa. E o que interessa é que, num fechar e abrir de olhos, bastou uma viagem de camião para Balurcos enriquecer.